

## “The Woman Who Killed the Fish”, de Clarice Lispector

The Woman Who Killed the Fish, by Clarice Lispector

**Roseli Bastos Almeida Mateus**

Universidade Federal do Ceará (UFC)

### RESUMO

Esta resenha versa sobre o livro *The Woman Who Killed the Fish* (2022), publicado pela editora New Directions, com tradução de Benjamin Moser. Na coletânea, os contos *The woman who killed the fish unfortunately is me*, *The mystery of the thinking rabbit*, *Almost true* e *Laura’s intimate life*, reunidos, ampliam o conjunto de obras de Clarice Lispector disponibilizadas em língua inglesa. Esse empreendimento faz parte da série de livros infantis (*storybooks*) publicada pela ND em setembro de 2022, sendo também parte integrante do projeto de Moser, que visa propagar/traduzir a escritora no sistema literário norte-americano. Busca-se, neste trabalho, analisar as estratégias adotadas pelo tradutor ao reproduzir marcações culturais de elementos brasileiros e particularidades da escrita clariceana, evidenciando a tradução empregada na coletânea como uma tradução estrangeirizante.

### PALAVRAS-CHAVE

Clarice Lispector. *The Woman Who Killed the Fish*. Literatura Brasileira Traduzida.

### ABSTRACT

This review is about the book *The Woman Who Killed the Fish* (2022), published by New Directions, and translated by Benjamin Moser. In the collection, the short stories *The woman who killed the fish unfortunately is me*, *The mystery of the thinking rabbit*, *Almost true* and *Laura’s intimate life*, together, expand the set of works by Clarice Lispector available in English. This venture is part of the series of children’s books (*storybooks*) published by ND in September 2022, being an integral part of Moser’s project, which aims to propagate/translate the writer into the language. This work seeks to analyze the strategies adopted by the translator when reproducing cultural markings of Brazilian and particular elements of Claricean writing, highlighting the translation used in the collection as a foreignizing translation.

#### Roseli Bastos Almeida Mateus

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (POET), na Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialista em Linguagens, suas Tecnologias e o Mundo do Trabalho, pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Possui dupla licenciatura em Letras Português-Inglês, pelo Instituto Federal do Ceará (IFCE). É professora efetiva de língua portuguesa na Secretaria de Educação do Município de Irauçuba. É membro do Grupo de Estudos Filhas de Avalon (UECE). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2948-4155>

Recebido em:  
28/03/2024

Aceito em:  
20/05/2024

AGOSTO/2024  
ISSN 2317-9945 (On-line)  
ISSN 0103-6858  
p. 205 - 213

## KEYWORDS

Clarice Lispector. The Woman Who Killed the Fish. Translated Brazilian Literature.

## 1. Introdução

*O mundo ficcional de Clarice Lispector contempla, além de seus romances e contos escritos para o público de adultos, as histórias infantis que, por curiosidade ou fruição despertam os olhares não apenas de seus leitores mirins, mas também os da gente grande, podemos dizer. É difundido que a literatura infantil clariceana surgiu como uma forma de realizar o desejo de seu filho mais novo, Paulo, ao ter solicitado à mãe-escritora que construísse para ele uma história. Nasce então, posteriormente, o seu primeiro livro infantil, “O mistério do coelho pensante”, publicado em 1967. Essa e as narrativas subsequentes chegaram ao conhecimento do público, fazendo com que as fábulas ganhassem espaço em meio as suas produções. Dedicadas ao universo infantil, elas representam uma faceta da escritora ainda pouco discutida internacionalmente, se relacionadas à recepção de seus outros contos e romances em sistemas literários como o francês e o inglês, por exemplo.*

Cabe, antes de adentrarmos no referido livro, esboçar o conceito de literatura infantil, que para Cunha (1998), é a literatura capaz de provocar a emoção, o prazer, o entretenimento e a fantasia, promovendo certa identificação e interesse por parte da criança. Um dos enfoques que se dá sobre a obra clariceana infantojuvenil, desse modo, é o despertar do questionamento frente às circunstâncias da vida, sem que a criança perda sua pureza ao mergulhar nos textos que as entretêm. Conforme revela Clarice em uma entrevista concedida à TV Cultura, em 1977 (ano de seu falecimento), seu lado maternal induz certa facilidade na comunicação com o público infantil, visto que as crianças são mais abertas ao espaço da fantasia.

Ainda que a literatura infantil tenha como um de seus traços o caráter moralizador, a escritora não limita a perspectiva de seus pequenos leitores. Tatiane Barragan observa, ao analisar o conto “A mulher que matou os peixes”, que Clarice escreve para crianças “desinfantizando-as e fazendo com que encarem os momentos delicados de forma simples sem se sentirem melindradas pelos acontecimentos.” (Barragan, 2012, p. 557).

Em 2022, quatro, do total dos cinco contos infantis escritos por Clarice ganharam suas traduções para o inglês, no livro intitulado *The woman who killed the fish & other stories for children*, publicado pela New Directions Publishing, editora responsável pelo projeto de propagar a escritora no idioma. Nele, os contos *The woman who killed the fish unfortunately is me*, *The mystery of the thinking rabbit*, *Almost true* e *Laura’s intimate life*, reunidos, ampliam o conjunto de obras clariceanas disponibilizadas em língua inglesa. Ficou de fora, talvez a mais desafiadora das fábulas de ser traduzida, “Como nasceram as estrelas” (uma compreensão do folclore brasileiro, através de histórias infantojuvenis), ainda sem uma versão para o inglês das lendas brasileiras recriadas pela escritora.

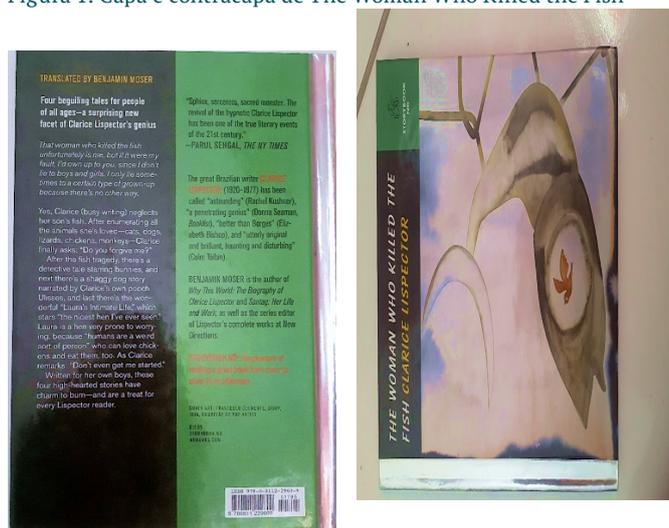
A tradução foi realizada pelo próprio Benjamin Moser, editor da New Directions. Moser nasceu na grande metrópole de Houston, e hoje

mora na Holanda, especificamente na cidade de Utrecht. O escritor e historiador também é reconhecido por ter escrito a biografia *Why This World: A Biography of Clarice Lispector* (2009), pela qual recebeu o Prêmio Itamaraty, em 2016. Além do português, Moser domina outros cinco idiomas e já publicou traduções em francês, espanhol e neerlandês.

Antes da publicação das histórias infantis, Moser concebe seu projeto de propagar Clarice no mundo anglófono com a organização da coletânea *The Complete Stories* (2015), traduzida por Katrina Dodson, compilando os contos de toda a carreira da escritora escritos para adultos. O volume, por sua vez, obteve ótima recepção da crítica. Sete anos depois, houve a publicação de *The Woman Who Killed The Fish*, objeto dessa resenha. Esse empreendimento de publicar Clarice para crianças faz parte da série de livros infantis (*storybooks*) publicada pela New Directions em setembro de 2022. Através dessa publicação, a editora abrange a tradução de quase toda a obra da escritora.

A coleção, criada pela tradutora e escritora Gini Alhadeff, foi lançada em capa dura, com efeito metalizado. É exposta, na capa, uma imagem desenhada pelo artista Peter Mendelsund, trazendo uma pintura icônica de um peixe, que esboça um aspecto pálido e falecido, fazendo jus à história homônima ao título. Em seus olhos ou no reflexo deles, tem-se a presença de um pássaro da cor original a dos peixinhos, avermelhada. Já as ilustrações feitas no interior do livro, foram delineadas pela designer Marian Bantjes<sup>1</sup>, e estão presentes nas páginas que antecedem o início de cada história. Ao todo, as histórias formaram um livro compacto de oitenta páginas, de uma leitura fácil de ser realizada em poucas horas. Seguem a imagem da capa e contracapa utilizadas na coletânea:

Figura 1: Capa e contracapa de *The Woman Who Killed the Fish*



Fonte: elaboração da autora

1 Marian Bantjes é uma artista canadense, conhecida pelos seus trabalhos como designer, ilustradora, tipógrafa e escritora. Ela possui diversas contribuições ilustradas em capas e em páginas de alguns livros da editora ND.

Recapitulemos os textos clariceanos que aparecem no livro, e aprofundemo-nos na tradução de trechos de um deles, a saber, o penúltimo, *Almost True. The woman who killed the fish unfortunately is me* – a partir de “A mulher que matou os peixes” (1968) – traz uma história em que a narradora, Clarice, lamenta-se diante da morte dos peixinhos vermelhos de seu filho, causada por ela própria, e através disso, conduz o leitor ao seu passado, resgatando seu histórico de negligência para com vários animais domésticos que já possuiu. A deixa, para o leitor, trata-se de perdoar ou não Clarice, tirando suas próprias conclusões.

*The mystery of the thinking rabbit* – referente ao “O mistério do coelho pensante” (1967) – versa sobre o coelho Joãozinho, que fugia sempre que faltava comida em sua gaiola. Sem saída ou vestígio aparente que denunciasse por onde o coelho fugia diariamente (que o fazia mesmo havendo comida em sua casa), surge o mistério acerca de um coelho muito esperto e sobre como ele pôde ter construído seu plano de fuga para viver sua liberdade paralela.

*Laura’s intimate life* – “A vida íntima de Laura” (1974) – traz a história ou a vida íntima de uma galinha descrita com diversos defeitos. O fio da narrativa se tece através do constante medo do animal de morrer. Apesar de não possuir qualidades físicas e intelectuais, Laura era a galinha que mais botava ovos no quintal de sua dona. A narrativa leva o leitor (criança ou não) a pensar sobre o respeito às diferenças e encarar o outro com outros olhos, observando-o além das aparências.

*Almost True* – em português “Quase de Verdade” foi publicado postumamente em 1978. O conto ganhou uma versão com capa dura em 2014, publicada pela editora Rocco, na série Rocco Jovens Leitores. A fábula tem como narrador-personagem o cachorro Ulisses. Como um cão esperto e observador, Ulisses narra uma história que se passa em um quintal vizinho, o que constitui a profundidade de uma história dentro de outra. A dona de Ulisses é a própria Clarice, que registra, digitando, as narrativas que Ulisses conta/late. Assim, a carga biográfica da fábula se dá através da homenagem de Clarice ao cachorro vira-lata que fora, realmente, companheiro da escritora. Apesar de iniciar com o clássico “era uma vez...”, apresenta singularidades da escrita e do pensamento da autora.

Em suma, o cachorro registra uma trama envolvendo uma figueira que não dava frutos, e que por conta disso, invejava as galinhas que botavam ovos em suas raízes. Dessa forma, a escritora explora problemáticas e defeitos comuns aos seres humanos, implantando-os no mundo animal e fictício, o mesmo ocorre com qualidades e virtudes. Assim, são personificados os protagonistas e antagonistas de suas histórias. No fim, o que se tem, é uma vitória do bem contra o mal, visto que a solução que as galinhas, em especial a Odisseia, encontraram para resolver o problema acabou beneficiando a todos os envolvidos na história.

Para adentrarmos nas considerações acerca do projeto tradutório aplicado no livro, é preciso traçar um esboço acerca da tradução estrangeirizante, conceito elaborado por Lawrence Venuti ao criticar a “domesticação” de textos estrangeiros, no contexto em que línguas de países periféricos são domesticadas/manipuladas na tradução para as línguas de países dominantes, como forma de submissão. Portanto, a estrangeirização

traz a ideia de subversão às línguas hegemônicas, permanecendo no texto de chegada o elemento “estranho”. Para Venuti, portanto, a tradução estrangeirizante produz seu efeito através de termos que possam ser reconhecidos como diferenciais pelos leitores da língua tradutora e, para tanto, precisa aplicar interpretantes que são específicos à situação receptora (Venuti, 2021, p. 20). Dito isso, é possível observar, mais a frente, que o projeto tradutório de Moser visou uma tradução estrangeirizante, à medida que aproxima do leitor da língua inglesa traços culturais brasileiros, além de buscar manter aspectos como a construção de frases, pontuação e elementos lexicais semelhantes aos da escritora.

Acerca da tradução, comecemos pelo título: no original “Quase de verdade” (com preposição) há uma locução adjetiva, “de verdade” (*for real*), e implica uma caracterização quase que informal. Há uma leve mudança de sentido na tradução *Almost True*, que equivale a “quase verdade”, sendo verdade um substantivo.

Seguiremos comparando o primeiro trecho da fábula. O quadro abaixo mostra, à esquerda, a versão em português publicada pela Rocco, à direita a tradução publicada pela New Directions. Entenda-se em itálico as rimas encontradas no texto, assim como as marcações culturais ou particulares da escrita clariceana:

|  |  |
|--|--|
| Dizem que <i>sou</i> muito <i>bonito</i> e <i>sabido</i> . Bonito, parece que <i>sou</i> . Tenho um pêlo castanho cor de <i>guaraná</i> . Mas sobretudo tenho olhos que todos admiram: são <i>dourados</i> . Minha dona não quis cortar meu <i>rabo</i> porque acha que cortar seria contra a natureza. (p. 4) | People say <i>I'm</i> very <i>handsome</i> and clever. It seems <i>I</i> really <i>am</i> handsome. I've got brown <i>guarana</i> -colored fur. But more than anything else it's my <i>eyes</i> that everyone admires: they're golden. My owner didn't want to clip my tail because she thought that goes against <i>nature</i> . (p.39) |
|--|--|

Através desse trecho, podemos citar como exemplo de elemento cultural mantido na tradução, a palavra guaraná – fruta típica da Amazônia – preservada no texto de chegada. Em um projeto de tradução naturalizadora, seria comum a substituição desse termo pelo de uma frutífera que apresentasse cor equivalente ao castanho – que não possui nome distinto do marrom em inglês, sendo ambas traduzidas como *brown*.

Outro ponto que cabe ser observado nesse excerto, no que diz respeito aos traços estilísticos de ordem lexical e sintática da escritora, é a reprodução da nuance poética da escrita clariceana. Sabemos que seus textos são prosas que expressam, em determinadas passagens, poeticidade, ou seja, são textos em prosa poética. Quanto a isso, percebemos na tradução a preservação das rimas “sabido” e “bonito” e “dourados” e “rabo”, sendo elas um recurso esporádico, porém intencionado. Tais ocorrências foram, na verdade, transpostas para as palavras *admires* e *eyes*, e *handsome* e *nature*, havendo uma rima consoante (perfeita) e outra toante (imperfeita), o que

incorpora no texto um efeito paronomástico.

Destaca-se também a reprodução da inversão sintática de “Bonito parece que sou” em *I really am handsome*, o que destaca uma expressividade da mensagem por meio da separação de sujeito e verbo (anástrofe).

Observemos o próximo trecho:

|   |   |
|---|---|
| Para ajudar você a inventar a sua pequena cantiga, vou lhe dizer como ele canta. Canta <i>assim</i> : <i>pirilim-pim-pim, pirilim-pim-pim, pirilim-pim-pim</i> . (p. 6) | To help you make up its little tune, I'm going to tell you the way it <i>sings</i> . It sings like <i>this</i> : <i>pirilim-pim-pim, pirilim-pim-pim, pirilim-pim-pim</i> . (p. 40) |
|---|---|

A expressão “pirilim-pim-pim”, utilizada como onomatopeia para o canto do passarinho dourado – que vez ou outra interfere com seu canto a história de Ulisses – alude ao pó mágico de “pirlimpimpim”<sup>2</sup> utilizado pelos personagens do Sítio do Pica Pau Amarelo para se teletransportarem. A escolha de Moser em manter esses detalhes, sabendo ou não da presença de metatextos nos textos clariceanos, demonstra uma preocupação em revelar elementos culturais do Brasil. Quanto à rima destacada, foi transposta de “assim” e “pirilim-pim-pim” para o par *sings* e *this*. As duas versões, de vez em quando, parecem expressar uma certa musicalidade não apenas advinda da interferência do pássaro, mas também através da fala de Ulisses.

Sabemos que na história do narrador de quatro patas, o nome de todas as personagens, com exceção da figueira, fazem referência ao “ovo”. Assim, partindo para o seguinte trecho, vemos que a estratégia utilizada pelo tradutor foi a troca da vogal “O” pela vogal “E”, derivando as palavras de *egg*.

---

2 O pó mágico utilizado pelos personagens de Monteiro Lobato, por sua vez, foi inspirado em outro clássico do universo infantil, Peter Pan, em que a fada Sininho possui um pó capaz de guiar as crianças à Terra do Nunca.

|  |  |
|--|--|
| <p>O galo se chamava <i>Ovidio</i>. O ‘O’ vinha do ovo, o ‘vidio’ era por conta dele. A galinha se chamava <i>Odissea</i>. O ‘O’ era por causa do ovo e o ‘dissea’ vinha por conta dela.</p> <p>Bem, você já sabe que o ‘O’ de <i>Onofre</i> era em homenagem ao ovo — Você adivinhou certo: o ‘nofre’ era malandragem dele. E <i>patati e patatá. Au-au-au!</i> (p. 10)</p> | <p>The rooster’s name was <i>Evidio</i>. The “E” came from egg, the “vidio” was because he felt like it. The hen was named <i>Edissea</i>. The “E” was because of egg and the “dissea” was because she felt like it.</p> <p>Well, you already know that the “E” in <i>Enofre</i> was in honor of the egg. The “nofre” was just messing around. And <i>patati and patatá. Au-au-au!</i> (p. 42)</p> |
|--|--|

Os nomes das personagens, escolhidos jocosamente, receberam uma troca de vogal que permitiu ainda estabelecer uma correspondência direta com a palavra originadora: ovo/egg. Caso se tratasse de uma palavra iniciada em consoante é possível que a estratégia utilizada fosse mais complexa. Outro ponto curioso, como produto da finalidade tradutória empregada, é a repetição da expressão “patati e patatá” em inglês. A expressão equivale a um “etc”, “e piriri, pororó” e até mesmo o famoso “blá-blá-blá”. Uma opção em inglês, se o intuito da tradução fosse modificar esses termos particulares seria “yada yada yada”, que possui valor semelhante.

A interação entre o narrador e o leitor se dá através do uso da segunda pessoa, quando o cão convoca o leitor a refletir ou agir sobre algo, e também da primeira, quando ele indica entre parênteses uma ação própria paralela à história. De vez em quando, Ulisses “late” no decorrer de sua história, e assim, a onomatopeia do latido se repete na versão em inglês.

Cabe olharmos ainda um próximo trecho, que apresenta um jogo feito com as classes de substantivos e verbos:

|   |  |
|---|--|
| <p>Os homens <i>homenzavam</i>, as mulheres <i>mulherizavam</i>, os meninos e meninas <u>meninizavam</u>, os ventos <i>ventavam</i>, a chuva <i>chuvava</i>, as galinhas <i>galinhavam</i>, os galos <i>galavam</i>, a figueira <i>figueirava</i>, os ovos <i>ovavam</i>. E assim por diante. (p. 11)</p> | <p>The men <i>were manning</i>, the women <i>were womaning</i>, the boys and girls were <i>boysandgirlsing</i>, the winds were <i>winding</i>, the rain <i>raining</i>, the hens <i>henning</i>, the roosters <i>roostering</i>, the fig tree <i>figtreeing</i>, the eggs <i>egging</i>. And so forth. (p. 42)</p> |
|---|--|

Entretanto, tais verbos inventados pela escritora tratam-se de uma forma de apontar que cada ser/elemento cumpria sua função social naquele momento. Desse modo, denuncia-se veladamente, alguns estereótipos sociais, ilustrados através de exemplos simples.

Sobre a tradução, que seguiu a mesma estrutura, é possível que ela apresente uma certa complexidade, tendo em vista que alguns dos verbos inventados em língua inglesa já possuem um significado. *Manning*, por exemplo, significa tripulação ou equipamento. Já *womanning* possui significado semelhante a *womanizer*. Uma explicação possível pode se atrelar à intenção de Moser em apresentar aspectos ligados ao texto de Clarice, juntamente aos propósitos da escritora. Esse convite à compreensão nos termos do outro idioma pode ser facilmente compreendido por um adulto, mas é uma tarefa que exige certa curiosidade do público infantil.

Quanto a um último exemplo:

|  |  |
|--|--|
| Enquanto isso, a figueira juntava ovos que não era vida e tudo para vender e virar milionária. (p. 14) | Meanwhile, the fig tree was gathering eggs like <i>nobody's business</i> and all in order to sell them and become millionaire. (p. 44) |
|--|--|

Um ocorrido curioso, é que a expressão “ovos que não era vida”, ou seja, os ovos que ainda não carregavam consigo um embrião, é omitida na tradução. A versão em inglês expressa algo como “ela juntava ovos como ninguém” (*like nobody's business*).

Em suma, o conto *Almost true*, também aborda a temática da exploração trabalhista: uma figueira que não dá frutos e passa a explorar as galinhas dia e noite para se beneficiar financeiramente representa uma engrenagem social que nos lembra a Revolução dos Bichos.<sup>3</sup> Em contrapartida, a resolução do conflito consegue atingir a raiz do problema, a personificação do bem vence as figuras icônicas que representam o mal.

As narrativas presentes em *The woman who killed the fish* são recheadas de analogias e intertextualidades. Se não temos personagens que entram em uma profunda divagação, como nos contos para adultos, temos animais dotados de pensamentos e inteligência. De certa forma, as histórias infantis clariceanas expressam uma conexão entre os bichos com seus donos, seja ela positiva ou negativa. Os personagens dialogam com seus leitores, pois Clarice estabelece uma relação de proximidade com a criança através dos bichos personificados.

As histórias dedicadas aos filhos quando pequenos hoje encantam outras crianças. São histórias protagonizadas por animais envolvidos em mistérios direta e indiretamente, e que instigam a imaginação e a curiosidade das crianças. É nesse sentido que a tradução, além da função social e do poder de difusão de culturas que exerce, também está aliada ao resgate histórico e literário da escritora, com a possibilidade de tornar obras grandiosas acessíveis. O empreendimento de traduzir a literatura infantojuvenil de Clarice Lispector e de levar conhecimentos da cultura de partida ao leitor de língua inglesa, seja ele criança ou adulto, é uma forma de eternizar

uma escritora apreciada por todas as idades, além de valorizar símbolos nacionais, internacionalizando-os.

## Referências

BARRAGAN, Tatiane. O Intimismo de Clarice Lispector na Literatura Infantil: análise da obra “A mulher que matou os peixes”. **Revista Eventos Pedagógicos**, v. 03, p. 557-566, 2012.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria & prática**. 17ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **The Woman Who Killed The Fish**. Trad. Benjamin Moser. New York: New Directions Publishing, 2022. 80 p.

LISPECTOR, Clarice. **Quase de verdade**. Rio de Janeiro: *Rocco* Jovens Leitores, 2014.

VENUTI, Antoine. **A invisibilidade do tradutor: Uma história da tradução**. São Paulo: Editora UNESP, 2021.